

dia a dia

ECONOMIA EM MOEDAS

Hellen Hayano

hellen.hayano@bomdiarede.com.br

Guardar moedas em cofre tem se tornado uma moda que, aos poucos, contribui para tirar de circulação o dinheiro que tanto ajuda no troco de um comerciante. De acordo com os números do Banco Central do Brasil, houve uma redução de 26,61% de moedas circulantes em 5 anos.

Porém, essa mania de adultos e crianças guardarem moedas não é de hoje.

No século 16, os ingleses já guardavam moedas em jarros feitos de barro e para retirar as moedas, precisavam quebrá-los. Daí a ideia de se poupar dinheiro, guardando as moedas.

Porém, para o professor de Finanças do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas, Eli Borochovcivius, o cofrinho não é a forma ideal de se ensinar uma criança ou até mesmo de um adulto guardar o dinheiro.

“As pessoas não são financeiramente educadas para guardar dinheiro e o cofrinho é uma forma de visualizarem suas reservas, ainda que sejam ínfimas. A evolução seria a busca por um orçamento doméstico com folga de reservas anuais, aplicadas em produtos financeiros que rendam juros”, incentiva o professor.

Por outro lado, essa prática ajuda a ensinar a criança a guardar dinheiro, mas também não é a forma correta.

“O cofrinho é uma forma de ensinar as crianças a guardar dinheiro, poupar, mas não é a maneira mais adequada de se educar financeiramente, pois administrar dinheiro não pode ser comparado a guardar tudo em um local físico, sem rendimento de juros”, explica.

Além disso, o especialista argumenta que proibir a criança de usar o dinheiro do cofre e fazer uma grande festa quando estiver cheio não é a mesma coisa que tomar decisões de uso do dinheiro de forma consciente ou da destinação dele, conhecendo as possibilidades de investimentos. “De qualquer forma, o cofre é um modelo interessante de criação da cultura de poupar e de traçar objetivos de curto prazo para o uso do dinheiro. Mas guardar por guardar pode causar frustração”.

Professor de Finanças explica que o ideal é buscar investimento que renda juros

Onde está o dinheiro?

Antigo hábito de guardar as moedas em cofrinho tem tirado de circulação uma grande quantia de dinheiro. Especialista aponta que medida não é tão eficaz



AMADAS POR UNS, ODIADAS POR OUTROS

Há quem adore receber troco em moeda para guardar e encher os cofrinhos, principalmente das crianças, mas há ainda quem evita guardá-las



Cofrinho é o mais comum

Guardar moedas é algo muito comum, para algumas pessoas elas são uma verdadeira chateação e preferem dispensá-las, mas para outros elas são verdadeiras fontes de economia. O tradicional cofrinho é um objeto indispensável na vida de muita gente e só com ele é possível guardar moedas sem correr o risco de gastar tudo.

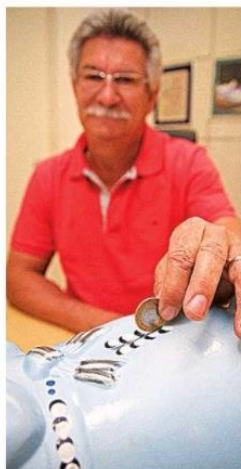
Ansiedade é a inimiga da economia

Algumas pessoas ficam tão ansiosas que não conseguem guardar moedas em um cofrinho, pois ficam loucas para abrir logo, querem gastar ou simplesmente ficam contando todas as moedas colocadas. Para quem quer guardar suas moedas, esqueça que aquilo é seu, pense apenas em depositar mais moedas lá e continuar com ele normalmente por bastante tempo.

Troco em bala

Como a escassez de moedas se dá principalmente em relação ao troco, uma prática ilegal surgiu: as balinhas. Quando o estabelecimento não possui o dinheiro para devolver ao consumidor, ele 'empurra' balas e chicletes como troco. De acordo com o Procon, esse ato não é amparado legalmente e está estabelecido no Código de Defesa de Consumidor. O ideal é cobrar o troco.





Hábito ajudou parentes em festa

Zé Carlos poupa e usa o dinheiro na festa da família

■ Há 11 anos José Carlos tem o hábito de guarda toda moeda de R\$ 1 que recebe em troca para utilizar com sua família. "Depois de um ano decidimos o que faríamos todos juntos", explicou. Porém, desde 2008, a economia passou a ter um destino certo: a festa da família. Anualmente, mais de 200 familiares se reúnem em uma grande confraternização. "Infelizmente, alguns dos familiares acabavam não participando por falta de dinheiro. Então, eu e minha esposa demos para cada família um cofre e ensinamos o nosso truque", explicou ele, que é vereador em Campinas. Em 2013 José conseguiu economizar cerca de R\$ 5 mil só em moedas e pagar a festa para 10 pessoas, incluindo, filhos, sogros e um casal de cunhados. "Ainda, com o que sobrou fiz uma viagem para o Sul com minha mulher", disse Zé Carlos.

Moedas tiveram uma redução média de 31,75%

Professor de Finanças da PUC-Campinas atribui o crescimento do pagamento eletrônico à possível escassez de moedas circulando na praça

■ Há cinco anos existiam 22,8 bilhões de moedas em circulação, segundo dados do Banco Central do Brasil, porém hoje são pouco mais de 16,8 bilhões, considerando as moedas da 1ª família (quando o real foi lançado) e da 2ª família do real (novas notas) e desconsideradas as moedas comemorativas. A moeda de 1 centavo permanece com 3,1 bilhões nos últimos 5 anos, mas todas demais tiveram uma redução média de 31,57%, sendo a maior redução aplicada à moeda de R\$ 1,00, que tinha pouco mais de 2,7 bilhões em circulação e hoje possui 1,7 bilhões.

De acordo com o professor de Finanças da PUC-Campinas, embora não exista uma explicação oficial, acredita-se que o crescimento do uso do meio eletrônico de pagamento, seja por meio do cartão, seja pelo uso da internet com o e-payment, reduziu a necessidade de se carregar as moedas, de tamanhos maiores, mais pesadas e com menor segurança, dado

Não é possível afirmar categoricamente o motivo, mas é cara a emissão de moedas

que o cartão dispõe de senha para o uso.

"Não é possível afirmar categoricamente o motivo mas o custo para a emissão de moedas é alto, então, já que o meio eletrônico tem sido cada vez mais aceito pelos estabelecimentos comerciais e mais utilizado pela população, o Banco Central pode ter optado pela redução de gastos com a emissão de moedas", argumenta o especialista.

Segundo ele, o custo para a emissão das notas da segunda família do real é de R\$ 175,30 por milhão da nota de R\$2,00 e chega a R\$ 247,51 por milhão da nota de R\$ 100,00.



Daiane mostra a falta de moedas

Comércio fica sem troco mesmo se programando

■ A funcionária da floricultura Daiane de Jesus Clemente mostra o cachepô, que é improvisado com moedeiro, quase vazio e logo vai avisando "Troco aqui é quase impossível. Quando falamos em moeda então, fica mais difícil ainda". A funcionária relata que não é preciso muito para ter que sair correndo pedir ajuda para os vizinhos. "Antigamente parece que era mais fácil, mas de um tempo pra cá o troco está cada vez mais complicado. Temos muitos clientes que acabam comprando as flores com o cartão de débito. Isso, acaba deixando a gente sem dinheiro em caixa. Mesmo que a gente se programe com alguma moedas e notas para troco, chega um momento do dia que ficamos sem nada", relata Daiane. Questionada sobre o valor diário das vendas, Daiane disse não estar autorizada a informar.



Segundo Banco Central, em 5 anos houve uma redução de média de 31,57% de moedas circulantes

Amanhã no BOM DIA

momento



SEBRAE SP

A sua coluna de informações